

ATIVIDADE ECONÔMICA

Indicadores de indústria, comércio e serviços

Sumário

O produto interno bruto (PIB) brasileiro cresceu 0,1% no terceiro trimestre de 2025, na série dessazonalizada, confirmando a desaceleração do nível de atividade econômica como consequência de efeitos defasados e contemporâneos da política monetária contracionista. Mesmo num contexto interno ainda caracterizado por um mercado de trabalho pujante, com ocupação elevada e massa de rendimentos em expansão moderada, sobressaem os impactos da manutenção de patamares elevados da taxa nominal de juros básica por um período já bastante longo. Descontando a inflação projetada para os próximos doze meses, os juros reais se situam atualmente acima de 10,0%, o que não apenas desestimula decisões de investimento privado – ao encarecer o custo de capital e aumentar a exigência de retorno dos novos projetos –, mas também pressiona o orçamento das famílias, à medida que encarece o custo do crédito ao consumidor.

Nesse cenário, os dados mensais de atividade econômica de outubro de 2025 revelam um panorama heterogêneo para a abertura do quarto trimestre. De maneira geral, os três principais levantamentos setoriais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) reportaram variações positivas na margem, ainda que com *performances* distintas entre os segmentos desagregados. Enquanto as vendas do comércio varejista exibiram recuperação após período de fraqueza, o setor de serviços mantém a *performance* positiva observada ao longo do ano. A produção industrial, embora tenha apresentado variação favorável, continua evidenciando fragilidades relevantes, particularmente na indústria de transformação, na qual os efeitos da restrição monetária têm sido mais acentuados. Em síntese, a resiliência em determinados segmentos mais cíclicos, combinada à contribuição favorável de outros mais exógenos, indica a preservação de um cenário de relativa estabilidade no horizonte próximo.

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central do Brasil (IBC-Br/BCB), um dos indicadores que buscam retratar o nível geral da atividade econômica brasileira em base mensal, servindo de prévia para o PIB, registrou, em outubro de 2025, uma queda de 0,2% na comparação livre de efeitos sazonais. O resultado ficou abaixo da mediana das previsões do mercado e descolou do desempenho dos indicadores setoriais do IBGE. Com exceção da agropecuária, todos os demais recuaram na margem. Já na comparação interanual, o indicador voltou a registrar crescimento, embora o ritmo de expansão tenha desacelerado de 2,2% para 0,4%.

A produção industrial, conforme a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF), apresentou avanço de 0,1% em outubro de 2025, na série com ajuste sazonal. Este resultado, que sucedeu à queda de 0,4% em setembro, representou a terceira variação positiva nos últimos sete meses. Ainda nessa base de comparação, a indústria de transformação retraiu 0,6%, mantendo desempenho medíocre verifi-

Leonardo Mello de Carvalho

Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

Divulgado em 30 de novembro de 2025.

cado ao longo de todo o ano, quando registrou crescimento médio nulo na margem. Como consequência da perda de fôlego da demanda interna, o setor tem convivido com um acúmulo indesejado de estoques, o que levou a uma redução no nível de utilização de capacidade instalada (Nuci) em outubro. O setor extrativo, por sua vez, menos vulnerável ao ciclo econômico, avançou 3,6% em relação a setembro, consolidando-se como um dos principais destaques de 2025, tendo exercido a maior contribuição para a expansão industrial no resultado acumulado do ano. Entre os demais segmentos industriais, destaca-se o desempenho da produção de máquinas e equipamentos, de alimentos e de químicos, que também figuram entre os que mais contribuíram para o crescimento da indústria nos primeiros dez meses de 2025. O desempenho de outubro estabelece carregamentos para o quarto trimestre de 0,1% (margem), 0,3% (interanual) e de 0,8% para o acumulado de 2025.

Por sua vez, conforme a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), o volume de vendas no comércio varejista ampliado exibiu crescimento de 1,1% em outubro, em relação a setembro, após expansão de 0,2% no mês precedente e de 0,9% em agosto. Grande parte da oscilação verificada nos últimos meses decorre dos segmentos mais dependentes de crédito, especialmente as vendas de veículos, que, após contração de 1,0% em setembro, apresentaram avanço de 3,0% em outubro. No varejo restrito, que exclui tais segmentos, as vendas cresceram 0,5%, revertendo a queda de 0,2% registrada em setembro e apontando alguma recuperação do consumo familiar. Embora na ponta, em outubro, o varejo ampliado tenha demonstrado maior aceleração, no acumulado anual o varejo restrito, mais vinculado à renda, tem sido o principal responsável pela expansão do comércio em 2025, com crescimento de 1,5%, enquanto o varejo ampliado, mais dependente de financiamento, acumula retração de 0,3%. O resultado de outubro estabelece carregamentos para o quarto trimestre de 1,5% (margem), 1,3% (interanual) e de 0,2% para o acumulado de 2025.

Por fim, o setor de serviços, segundo a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), apresentou alta de 0,3% em relação ao mês anterior, na série com ajuste sazonal, após expansão de 0,7% em setembro e de 0,2% em agosto, configurando o nono resultado positivo consecutivo. O desempenho mensal revela um ritmo de expansão relativamente estável ante o crescimento médio observado até outubro (0,3%). Entre os cinco grandes grupos de atividade, os destaques permanecem sendo os serviços de informação e comunicação, que avançaram 0,3%, e os serviços de transportes, que cresceram 1,0% na margem, após forte elevação de 1,1% em setembro. Os segmentos mais vinculados ao consumo das famílias, por sua vez, exibiram menor dinamismo, com os serviços prestados às famílias expandindo apenas 0,1%, após recuo de 0,5% no mês anterior. Na comparação interanual, o volume de serviços cresceu 2,2% relativamente a outubro de 2024, enquanto no acumulado anual a expansão atingiu 2,8%. De modo geral, embora o cenário persista favorável para o setor, a crescente restrição financeira sobre o orçamento familiar continua como possível obstáculo para o desempenho dos segmentos mais ligados ao consumo das famílias nos períodos subsequentes. O resultado de outubro estabelece carregamentos para o quarto trimestre de 0,8% (margem), 3,0% (interanual) e de 2,9% para o acumulado de 2025.

Em relação às pesquisas qualitativas de sentimento, os dados das sondagens do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre) referentes a novembro de 2025 revelam uma dinâmica heterogênea da confiança entre consumidores e empresários. Do lado da demanda, a confiança dos consumidores avançou pelo terceiro mês consecutivo, com alta de 1,3 ponto, para 89,8 pontos – maior patamar desde dezembro de 2024 –, sinalizando uma trajetória de recuperação gradual apoiada pela manutenção do emprego e da renda, apesar das pressões persistentes sobre os orçamentos familiares e do ambiente de juros elevados. No ambiente empresarial, o Índice de Confiança Empresarial (ICE) permaneceu estável, mas com resultados díspares entre os setores.

1 Produção industrial

Em outubro de 2025, a produção industrial registrou expansão de 0,1% na série dessazonalizada, resultado que sucedeu à queda de 0,4% em setembro, e representou a terceira variação positiva nos últimos sete meses. O

desempenho foi marcado pelo forte avanço das indústrias extrativas (+3,6%), que mais uma vez se destacaram como motor do crescimento industrial em 2025, contrastando com a retração de 0,6% da indústria de transformação. Entre os grupos econômicos, o destaque positivo ficou por conta dos bens de consumo, que avançaram 1,1% na margem, puxados principalmente pelos duráveis (+2,7%). O grupo de bens de capital também registrou variação positiva (+1,0%), sinalizando alguma reação após meses de fraqueza, enquanto os bens intermediários recuaram 0,8%, interrompendo momentaneamente a recuperação observada ao longo do ano.

TABELA 1
Produção industrial e grandes grupos econômicos: evolução das taxas de crescimento
 (Em %)

	Pesos	Contra período anterior dessazonalizado ¹					Contra igual período do ano anterior				Acumulado			
		Ago.25	Set.25	Out.25	Trim. ²	Carry-over 4ºTrim.	Ago.25	Set.25	Out.25	Trim.	No ano (dessazonalizado)	No ano (yoy)	Em doze meses	Carry-over 2025
Geral	0,7	-0,4	0,1	0,4	0,1	-0,7	2,0	-0,5	0,3	0,3	1,0	0,8	0,9	0,8
Classes														
Indústrias Extrativas	-0,3	-1,4	3,6	0,2	2,5	4,8	5,2	10,1	6,6	9,1	8,2	4,7	2,8	5,4
Transformação	0,6	0,0	-0,6	0,3	-0,4	-1,7	1,5	-2,2	-0,8	-1,2	0,0	0,2	0,6	0,0
Grupos Econômicos														
Capital	-1,6	0,4	1,0	-0,9	0,8	-5,3	-1,6	-2,9	-3,2	-1,6	1,5	-0,6	1,2	-0,7
Intermediários	0,8	-0,4	-0,8	0,3	-0,8	1,9	3,4	-0,1	1,7	0,4	0,2	2,1	2,0	1,8
Consumo	1,1	-0,1	1,1	1,3	1,3	-4,8	-0,2	-1,3	-2,1	0,6	3,3	-1,5	-1,3	-1,0
Duráveis	0,7	-1,3	2,7	1,1	2,1	-4,1	3,1	0,4	-0,3	1,6	4,2	3,9	5,5	3,7
Semi e Não-Duráveis	1,0	-0,1	1,0	1,1	1,3	-5,0	-0,8	-1,6	-2,5	0,5	2,9	-2,5	-2,4	-1,8
Insumos da Construção Civil	0,6	1,8	-0,8	0,9	0,6	-4,5	-1,5	-3,3	-3,1	-2,5	0,6	-0,7	0,3	-0,9

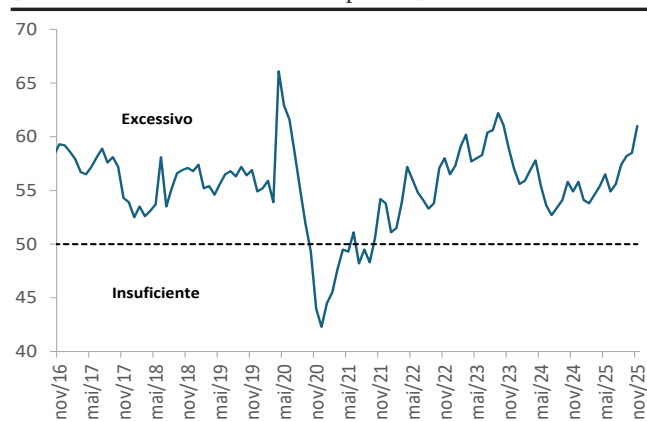
Fonte: PIM-PF/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

Nota: ¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

Os indicadores setoriais da indústria de transformação corroboram o cenário de dificuldades enfrentadas pelo setor em meio à desaceleração da demanda interna. O Gráfico 1A evidencia que, ao longo do segundo semestre de 2025, passou a ocorrer um aumento no acúmulo indesejado de estoques, com o indicador atingindo 61,0 pontos em novembro, maior patamar desde outubro de 2023. Esse movimento reflete a combinação entre expectativas frustradas de vendas e uma demanda aquém do planejado pelas empresas. Paralelamente, o Gráfico 1B mostra que o nível de utilização da capacidade instalada (NUCI) sofreu queda sensível em outubro, recuando para 79,7% – patamar próximo à sua média histórica de 79,8% –, após ter operado em níveis mais elevados durante o primeiro semestre do ano.

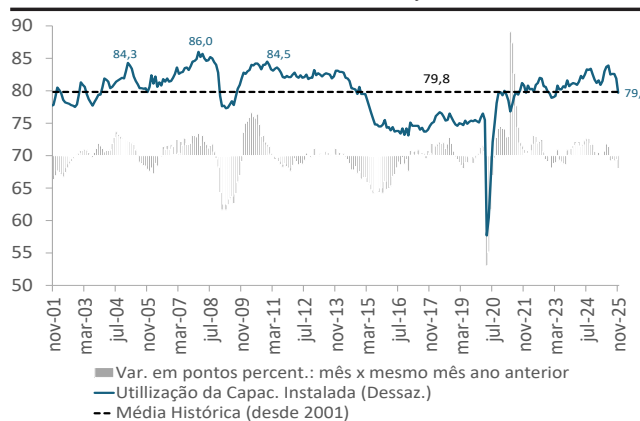
GRÁFICO 1A
Indústria de transformação: nível de estoques – efetivo versus planejado (nov./2016-nov./2025)
 (Indicador dessazonalizado, em pontos)



Fonte: Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 1B
Indústria de transformação: NUCI (nov./2016-nov./2025)
 (Nível dessazonalizado e taxas de variação, em %)



Fonte: FGV.

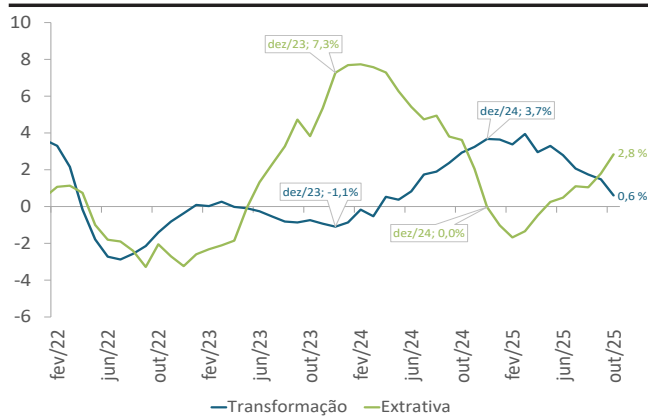
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A dinâmica divergente entre indústrias extrativas e de transformação observada em 2025 apresenta paralelos com o comportamento verificado em 2023 (gráfico 2), quando as atividades extrativas igualmente comandaram a expansão do setor industrial, ao passo que a transformação registrou contração de 1,1%. Por sua vez, em 2024, ano caracterizado pela retomada da indústria de transformação, a contribuição das extrativas para o crescimento da indústria total foi nula. No acumulado em doze meses de 2025, a indústria extrativa registra avanço de 2,8%, apoiada na produção de minério de ferro e petróleo bruto, ao passo que a transformação exibe desempenho discreto (+0,6%), afetada pelos impactos da política monetária restritiva sobre os segmentos mais dependentes de crédito e sensíveis às condições de financiamento. Tal divergência ilustra como elementos não cíclicos da economia brasileira têm dado suporte à atividade industrial, atenuando em parte a fragilidade dos setores mais expostos às oscilações da demanda doméstica.

Um olhar mais atento para as médias móveis trimestrais (gráfico 3) corrobora esse quadro e possibilita uma leitura mais apurada das tendências subjacentes da produção industrial durante 2025. Após vigorosa alta no começo do ano, as indústrias extrativas alcançaram seu melhor resultado em maio, passando desde então a demonstrar perda gradual de ritmo, com o trimestre móvel finalizado em outubro apresentando avanço de apenas 0,2% na série dessazonalizada. Em direção contrária, o segmento de bens intermediários, que havia exibido fraco desempenho nos meses iniciais do ano, experimentou recuperação e tem sustentado trajetória ascendente, ainda que com moderada desaceleração a partir do segundo semestre. Os grupos de bens de capital, bens de consumo duráveis e semi e não-duráveis, por sua vez, descreveram movimento semelhante: expandiram-se durante o primeiro trimestre, experimentaram deterioração de desempenho a partir de junho – registrando taxas negativas no período de junho a setembro – e vêm apresentando retomada de ritmo desde então. A distinção reside na recuperação mais gradual do segmento de bens de capital, que permanece em território negativo (-0,9% no trimestre móvel), expressando a vulnerabilidade do investimento diante das condições financeiras contracionistas.

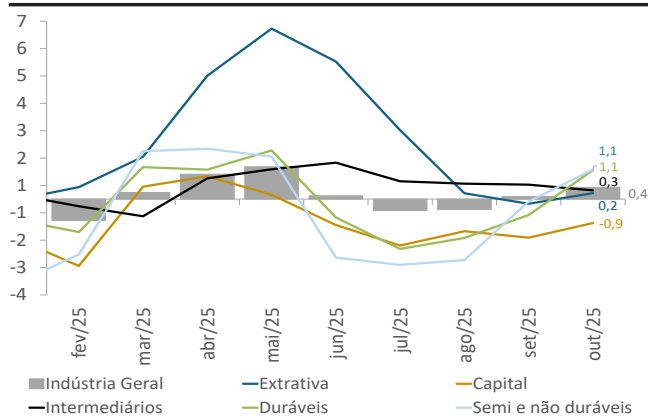
Finalmente, a desagregação setorial das contribuições ao crescimento acumulado no ano (gráfico 4) ratifica a relevância da indústria extrativa em 2025, juntamente com segmentos como máquinas e equipamentos, produtos alimentícios e químicos, que se destacam como principais motores da alta de 0,8% da indústria total no acumulado anual. No polo oposto, o segmento de derivados de petróleo e biocombustíveis – um dos de maior peso relativo – vem exercendo a principal contribuição negativa, praticamente anulando o impacto positivo da indústria extrativa. Tal desempenho expressa tanto fatores conjunturais como estruturais do setor, abrangendo manutenções programadas em refinarias e adequações produtivas de combustíveis.

GRÁFICO 2
PIM: transformação versus extrativas (fev./2022-out./2025)
(Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 3
PIM: indústria geral e grupos econômicos – médias móveis trimestrais dessazonalizadas (fev./2020-out./2025)
(Variação contra o período anterior, em %)

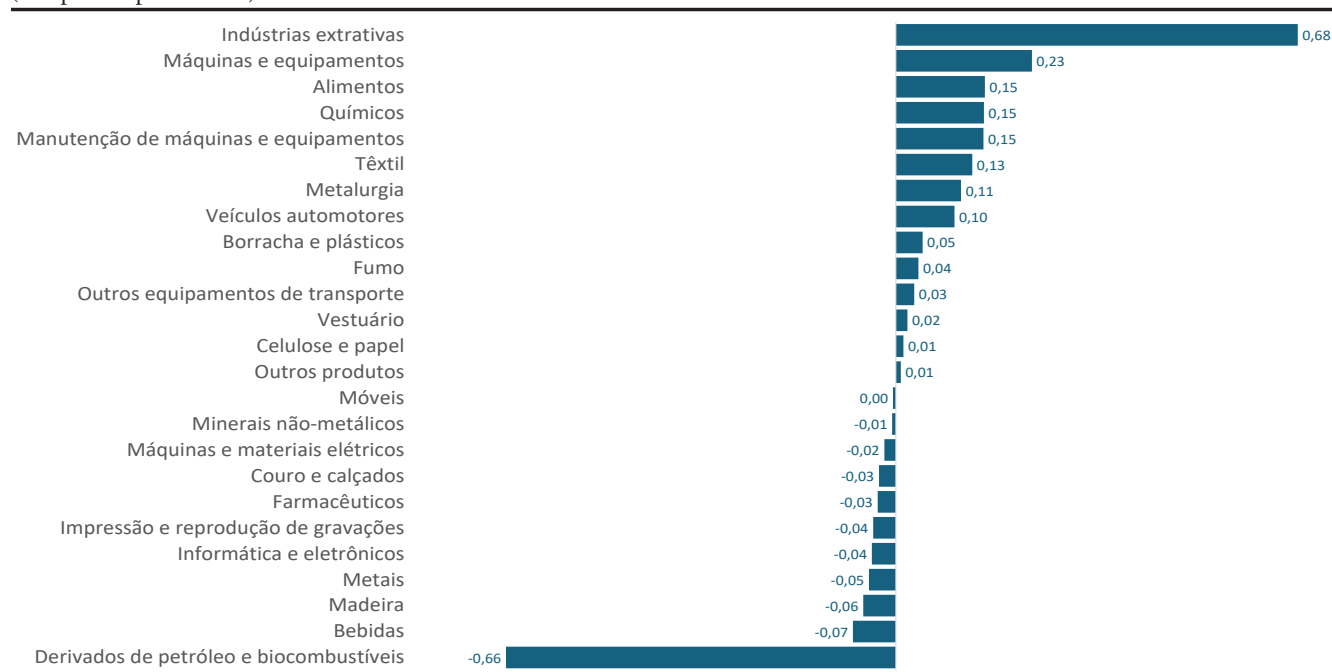


Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 4

PIM: contribuição à taxa acumulada no ano (out./2025)

(Em pontos percentuais)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

2 Comércio

Em outubro de 2025, o volume de vendas no comércio varejista ampliado apresentou alta de 1,1% nos dados dessazonalizados, após elevação de 0,2% em setembro e de 0,9% em agosto, indicando certa recuperação da atividade do setor (tabela 2). O resultado foi impulsionado sobretudo pelas vendas de veículos, motos, partes e peças, que cresceram 3,0% na margem, após queda de 1,0% no mês precedente, revelando a oscilação típica deste segmento. Outros resultados favoráveis vieram de móveis e eletrodomésticos (+1,0%) e materiais de construção (+0,6%), ambos vulneráveis ao ambiente de financiamento. No varejo restrito, que exclui os segmentos mais dependentes de financiamento, as vendas expandiram 0,5%, revertendo o recuo de 0,2% verificado em setembro. Entre os componentes do varejo restrito, destacam-se os avanços de artigos farmacêuticos (+0,3%) e a acomodação do segmento de hipermercados e supermercados, após período de debilidade. No acumulado do ano, a divergência entre os dois grupos mantém-se evidente: enquanto o varejo restrito registra avanço de 1,5%, o varejo ampliado apresenta contração de 0,3%, espelhando os impactos distintos da política monetária restritiva sobre os segmentos com maior e menor exposição ao crédito.

O exame das médias móveis trimestrais evidencia que os dois grupos – aqueles mais dependentes de crédito e os mais vinculados à renda – descrevem uma evolução semelhante à verificada na produção industrial: uma perda gradual de ritmo durante os meses do terceiro trimestre, sucedida por certa retomada recente (gráficos 5A e 5B). Nos segmentos mais expostos ao crédito, esse movimento mostra-se especialmente pronunciado. As vendas de veículos, depois de intensa contração entre junho e setembro, apresentaram retomada expressiva em outubro, movimento que, em parte, pode ser explicado pelas campanhas promocionais intensivas visando reduzir os estoques indesejados; e pela intensificação dos emplacamentos elegíveis ao Programa Carro Sustentável. O segmento de móveis e eletrodomésticos, por sua vez, diverge do comportamento geral, preservando-se comparativamente mais estável durante o período, potencialmente favorecido por linhas específicas de financiamento ou pela configuração da demanda neste segmento, que abrange tanto bens duráveis de valor mais elevado como artigos de substituição.

TABELA 2

Vendas no varejo - ampliado, restrito e segmentos: evolução das taxas de crescimento

(Em %)

	Pesos	Mês/Mês anterior dessazonalizado					Mês/igual Mês do ano anterior					Acumulado			
		Ago./25	Set./25	Out./25	TRIM ¹	Carry-over 4ºTrim	Ago./25	Set./25	Out./25	TRIM ¹	Carry-over 4ºTrim	No ano (dessaz.)	No ano (yoy)	Em doze meses	Carry-over 2025
Comércio varejista ampliado ²	100%	0,9	0,2	1,1	1,5	1,5	-2,1	1,1	-0,3	-0,5	1,3	2,9	-0,3	0,0	0,2
Comércio varejista restrito ³	59,6%	0,1	-0,2	0,5	0,0	0,4	0,3	0,8	1,1	0,7	0,9	0,9	1,5	1,7	1,3
1. Combustíveis e lubrificantes	7,2%	-0,7	-0,8	1,4	0,7	0,7	0,4	-0,6	0,0	-0,1	-0,7	0,4	0,5	0,5	0,2
2. Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	32,2%	0,3	-0,2	0,1	-0,2	0,1	-0,6	-0,6	0,3	-0,3	-0,1	-0,1	0,8	1,0	0,6
2.1 Hipermercados e supermercados		0,3	-0,3	0,3	0,0	0,3	-0,3	-0,5	0,7	0,0	0,3	0,4	1,1	1,4	1,0
3. Tecidos, vestuário e calçados	3,7%	0,8	-1,2	-0,3	-2,2	-0,9	0,6	-1,5	-3,3	-1,4	-2,9	-2,1	2,6	3,2	1,3
4. Móveis e eletrodomésticos	4,1%	0,0	-0,4	1,0	0,7	0,7	2,1	8,1	3,5	4,5	2,9	1,6	4,1	4,2	3,8
5. Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	5,6%	0,9	1,3	0,3	1,9	1,5	2,1	4,5	5,7	4,1	6,6	8,4	3,7	3,8	4,3
6. Livros, jornais, revistas e papelaria	0,2%	-1,9	-1,4	0,6	-2,4	-1,0	0,8	-1,9	0,9	0,0	0,6	0,0	-1,4	-2,4	-1,1
7. Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	0,9%	5,1	-0,7	3,2	2,8	4,4	-0,7	5,8	8,1	4,4	5,8	7,6	0,4	-0,3	1,2
8. Outros artigos de uso pessoal e doméstico	5,8%	-0,4	0,7	0,4	0,0	0,8	1,9	3,1	2,0	2,3	2,3	2,0	2,2	3,1	2,2
9. Veículos, motos, partes e peças	16,8%	2,4	-1,0	3,0	2,5	3,1	-7,7	-2,2	-4,3	-4,8	-1,8	1,1	-3,0	-1,7	-2,6
10. Materiais de construção	7,7%	0,2	0,0	0,6	0,0	0,6	-6,1	-0,4	-3,9	-3,5	-1,3	2,4	0,1	0,6	0,1
11. Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	15,9%	4,7	3,2	-1,4	8,7	2,2	-2,0	7,7	1,9	2,5	2,4	3,3	3,1	-4,9	-2,8

Fonte: PMC/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

² O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 11.

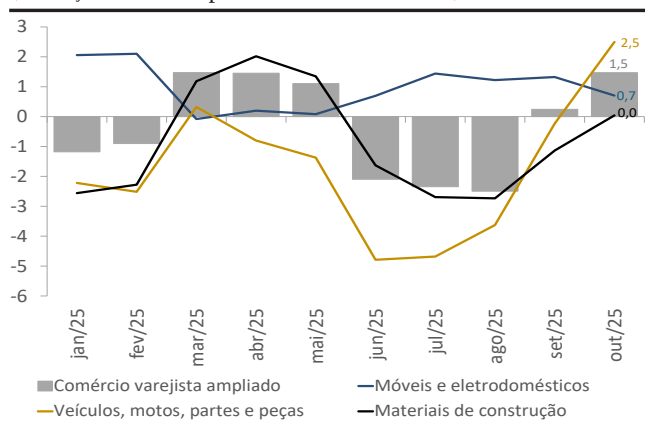
³ O indicador do comércio varejista restrito é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 8.

Nos segmentos mais vinculados à renda (gráfico 5B), o varejo restrito apenas em outubro alcançou variação nula na média móvel trimestral, deixando o território negativo pela primeira vez desde junho. Tal dinâmica expressa os constrangimentos sobre as finanças domésticas, que, não obstante o mercado de trabalho robusto, vêm experimentando a elevação dos custos de subsistência e a crescente absorção da renda pelo serviço da dívida. Nesse ambiente, o principal destaque recai sobre as vendas de artigos farmacêuticos, único segmento com resultado positivo na média móvel de outubro, favorecido pela demanda estruturalmente menos sensível a preços deste tipo de produto, assim como pelo envelhecimento demográfico e pela expansão do acesso a medicamentos. Os outros segmentos, como hipermercados e supermercados, tecidos e vestuário, seguem em território negativo ou próximos da estagnação, indicando que a retomada do consumo doméstico permanece gradativa e tímida.

GRÁFICO 5A

PMC: grupos mais sensíveis ao crédito – médias móveis trimestrais dessazonalizadas (fev./2020-out./2025)

(Variação contra o período anterior, em %)



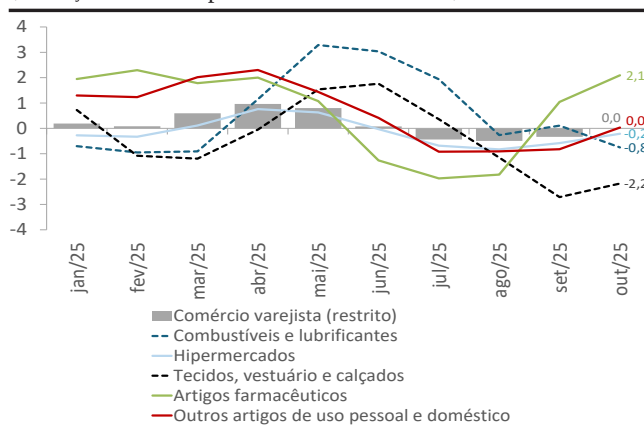
Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 5B

PMC: grupos mais sensíveis à renda – médias móveis trimestrais dessazonalizadas (fev./2020-out./2025)

(Variação contra o período anterior, em %)

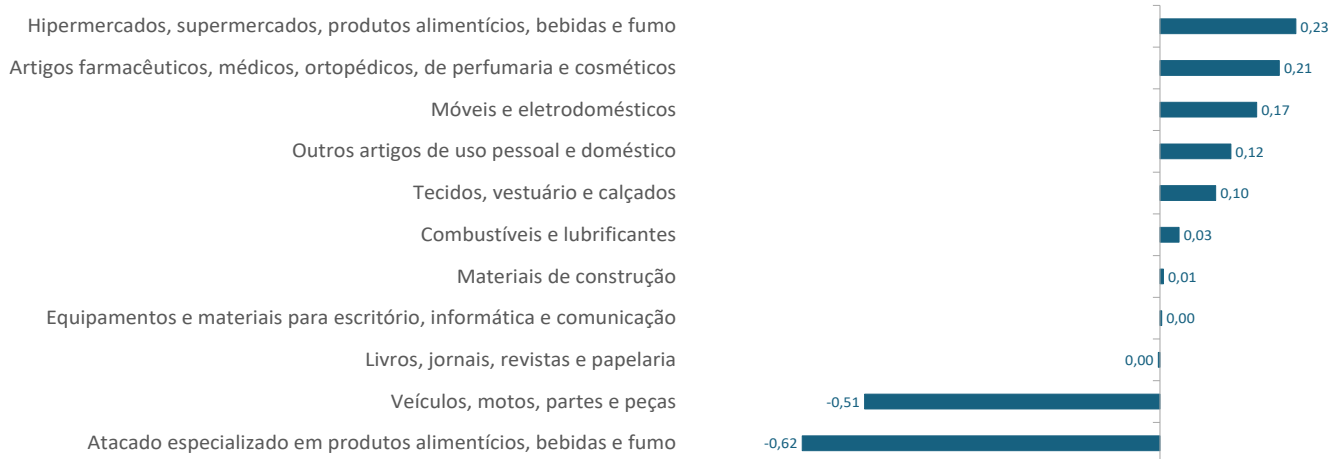


Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Finalmente, a desagregação da contribuição setorial ao crescimento acumulado no ano (gráfico 6) revela a divergência acentuada entre os dois grupos de segmentos do comércio varejista. O grupo de segmentos mais vinculados à renda – constituído primordialmente por artigos farmacêuticos, hipermercados e supermercados, e tecidos e vestuário – adicionou 0,9 ponto percentual ao resultado do varejo ampliado, exibindo solidez sustentada pelo mercado laboral robusto e pelos programas de redistribuição de renda. O conjunto de segmentos mais dependentes de crédito, por sua vez – com resultado adverso para as vendas de veículos, motos, partes e peças – detraiu 1,1 ponto percentual, constrangido pelo ambiente financeiro restritivo e pelas taxas de juros altas. Tal comportamento elucida o desempenho acumulado no ano do varejo ampliado de -0,3%, indicando que, ainda que o consumo menos vinculado ao crédito tenha dado suporte ao comércio, os segmentos dependentes de financiamento imprimiram vigoroso efeito negativo sobre o resultado consolidado do setor no decorrer do ano.

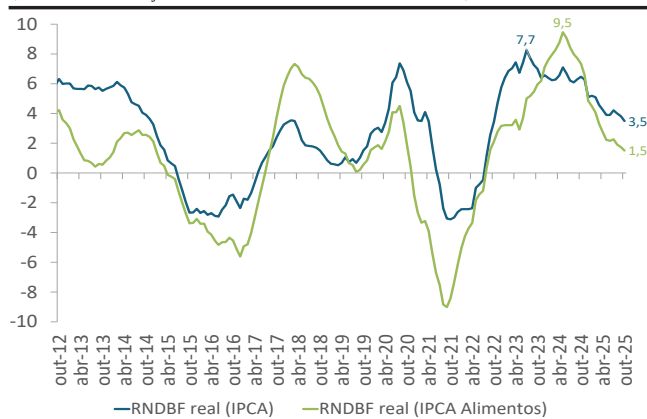
GRÁFICO 6
PMC: contribuição à taxa acumulada no ano (out./2025)
 (Em p.p.)



Fonte: Ipea e IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Embora o mercado de trabalho ainda mostre resiliência, com níveis de ocupação elevados, o quadro financeiro das famílias tem se deteriorado diante da combinação de inflação persistente em itens de peso relevante no consumo com o custo mais elevado do crédito. Esse ambiente pressiona a renda disponível, intensificando o comprometimento do orçamento com dívidas já contratadas e ampliando os indicadores de inadimplência. Do ponto de vista do poder de compra, a Renda Nacional Disponível Bruta das Famílias (RNDBF), ampliada pelas transferências governamentais, manteve trajetória de expansão, mas em ritmo cada vez mais moderado em relação ao final do ano passado, refletindo o impacto da perda gradual de fôlego da renda real ante a persistência da inflação (gráfico 7).

GRÁFICO 7
RNDBF real¹ – IPCA versus IPCA alimentos (out./2012-out./2025)
 (Em %, variação acumulada em doze meses)



Fonte: Ipea e IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
 Nota: ¹ Para deflacionar a RNDBF acumulada em doze meses, utilizou-se a média de doze meses do IPCA como deflator.

3 Serviços

Em outubro de 2025, o volume de serviços apresentou crescimento de 0,3% frente ao mês anterior, nos dados dessazonalizados, constituindo a nona expansão seguida e confirmando o setor como o mais robusto da economia brasileira no ambiente vigente de política monetária restritiva. O resultado do mês foi impulsionado sobretudo pelos serviços de transportes (+1,0%) e pelos serviços de informação e comunicação (+0,3%), que permanecem entre os principais impulsionadores da atividade setorial. Por outro lado, os serviços prestados às famílias expandiram somente 0,1%, espelhando o recuo de 0,7% em alojamento e alimentação e a contração de 1,5% em outros serviços às famílias, segmentos mais vulneráveis às restrições financeiras sobre as finanças domésticas. No acumulado anual, o volume de serviços avançou 2,8%, desempenho apoiado primordialmente pelos serviços de informação e comunicação (+5,5%), com *performance* excepcional dos serviços de tecnologia da informação (+12,5%), e pelos transportes (+2,8%), sustentados pelo vigoroso resultado do transporte aéreo (+18,0%).

TABELA 3
PMS: total e segmentos - evolução das taxas de crescimento
(Em %)

	Pesos	Mês/Mês anterior dessazonalizado					Mês/Igual Mês do ano anterior					Acumulado			
		Ago/25	Set./25	Out./25	TRIM¹	Carry-over 4ºTri	Ago/25	Set./25	Out./25	TRIM¹	Carry-over 4ºTri	No ano (dessaz.)	No ano (yoy)	Em doze meses	Carry-over 2025
Total	100%	0,2	0,7	0,3	1,1	0,8	2,5	4,3	2,2	3,0	3,0	3,3	2,8	2,8	2,9
1. Serviços prestados às famílias	8,4%	1,1	-0,5	0,1	0,6	0,1	1,5	-0,4	0,3	0,5	-0,7	-2,0	1,1	1,6	0,7
1.1 Serviços de alojamento e alimentação	7,2%	1,9	0,1	-0,7	1,3	0,0	2,7	1,9	0,5	1,7	-1,2	-2,7	1,8	2,4	1,1
1.2 Outros serviços prestados às famílias	1,2%	-2,7	2,9	-1,5	-1,2	-0,6	-5,5	-11,1	-1,0	-6,2	1,6	1,1	-3,0	-3,2	-2,1
2. Serviços de informação e comunicação	23,6%	-0,4	1,2	0,3	0,8	0,9	3,5	5,0	5,7	4,7	5,3	5,1	5,5	5,5	0,0
2.1 Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	20,8%	0,1	0,0	1,0	1,0	1,0	4,9	5,6	6,1	5,5	5,8	5,6	6,2	6,1	6,1
2.1.1 Telecomunicações	10,8%	-0,7	0,8	0,2	-0,2	0,5	-1,2	-0,6	0,0	-0,6	-0,5	-0,7	0,4	1,0	0,2
2.1.2 Serviços de Tecnologia da Informação	10,0%	1,8	0,3	1,0	3,0	1,8	11,4	12,0	12,3	11,9	14,2	16,7	12,5	11,5	13,0
2.2 Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	2,8%	-6,6	7,8	-1,0	-3,3	1,7	-8,1	-0,1	2,9	4,6	3,6	4,2	-0,2	0,8	0,6
3. Serviços profissionais, administrativos e complementares	22,0%	0,3	-0,4	0,1	0,4	-0,1	2,8	2,7	-0,2	4,4	1,4	2,3	2,2	2,3	2,2
3.1 Serviços técnico-profissionais	8,5%	-0,1	-1,5	0,3	0,1	-0,7	5,9	6,6	-0,2	4,0	5,4	11,9	3,2	3,8	4,1
3.2 Serviços administrativos e complementares	13,5%	0,8	-0,4	0,2	0,0	0,1	0,4	-0,3	-0,1	0,0	0,3	0,7	1,5	1,2	1,3
4. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	35,7%	0,2	1,1	1,0	1,5	1,8	3,3	6,2	1,3	3,6	3,8	4,6	2,8	2,8	3,2
4.1 Transporte terrestre	20,3%	1,0	1,0	0,6	2,6	1,6	2,5	6,0	2,2	3,5	4,7	6,7	0,8	0,3	1,6
4.2 Transporte aquaviário	1,9%	0,1	-4,8	3,8	-2,5	0,5	1,1	-5,5	-2,2	-2,2	-2,5	-3,0	1,4	2,1	0,7
4.3 Transporte aéreo	2,9%	-2,7	3,5	4,3	-0,7	5,8	14,1	20,2	5,0	12,7	10,6	11,7	18,0	21,1	17,3
4.4 Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	10,7%	-0,6	0,7	-2,8	0,0	-2,6	1,8	4,2	-1,6	1,4	-1,6	-1,9	2,4	2,6	1,7
5. Outros serviços	10,4%	0,7	2,0	0,5	1,9	2,0	-2,7	3,2	4,0	1,4	4,2	6,8	-1,1	-1,7	-0,1
6. Atividades Turísticas²		1,0	0,3	0,8	0,7	1,3	4,5	4,6	1,6	3,5	0,7	-1,0	5,3	6,0	4,4

Fonte: PMS/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

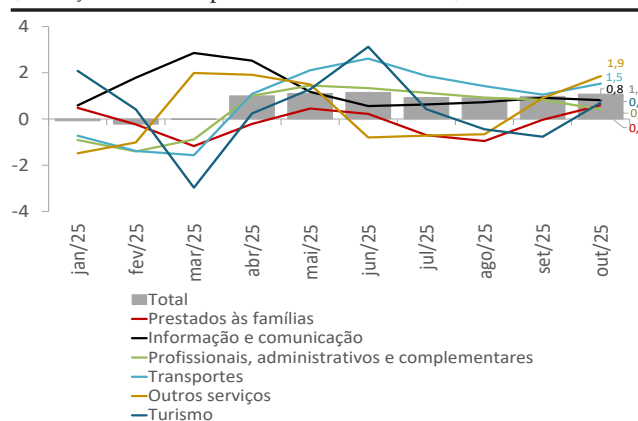
² Índice especial construído a partir de grupamentos de segmentos associados à atividade de turismo.

Olhando para as médias móveis trimestrais (gráfico 8) vemos que, exceto nos meses iniciais do ano, quando houve oscilações mais acentuadas, os serviços vêm exibindo uma dinâmica constante de crescimento durante 2025. Nos cinco principais segmentos, contudo, o panorama mostra-se heterogêneo. Os segmentos de transportes, serviços profissionais, administrativos e complementares, e serviços de informação e comunicação preservaram evolução positiva de abril a outubro, indicando menor vulnerabilidade aos impactos da política monetária contractionista. Tal resultado expressa a característica mais perene da demanda por esses serviços – particularmente os vinculados à transformação digital e aos serviços corporativos – como o suporte de elementos externos, a exemplo da retomada do turismo externo e da movimentação de negócios. Os serviços prestados às famílias e o segmento de outros serviços, por sua vez, exibiram padrão similar ao observado nos setores industrial e comercial,

com perda de vigor durante o terceiro trimestre e certa retomada em outubro. Tal comportamento demonstra que os segmentos mais atrelados ao consumo não essencial das famílias permanecem sob constrangimento, na medida em que a elevação do custo do financiamento e a pressão inflacionária continuada fragilizam a situação financeira das famílias.

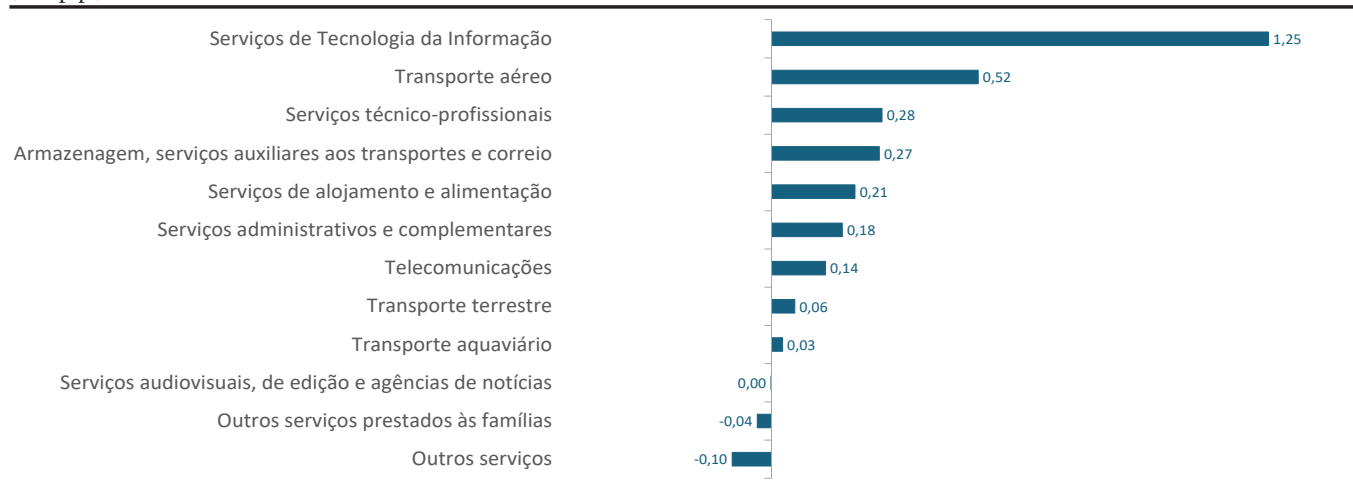
Finalmente, a desagregação da contribuição setorial ao crescimento acumulado no ano (gráfico 9) ratifica o predomínio dos serviços tecnológicos e corporativos no desempenho do setor em 2025. Os serviços de tecnologia da informação representam o principal aporte positivo específico, acompanhados pelos serviços técnico-profissionais e pelo transporte aéreo, que, não obstante seu peso comparativamente reduzido, apresentou crescimento extraordinário no período. Os serviços de telecomunicações, hipermercados e supermercados, e transporte terrestre também se destacam entre os fatores de contribuição favorável. No polo oposto, os principais detratores são os serviços audiovisuais, outros serviços prestados às famílias e os outros serviços, todos segmentos mais vinculados ao gasto doméstico e, conseqüentemente, mais expostos ao ambiente de taxas de juros altas e aos constrangimentos financeiros das famílias. Tal divergência corrobora a avaliação de que o setor de serviços vem sendo apoiado por segmentos intrinsecamente menos sensíveis ao ciclo e mais associados à digitalização da economia, ao passo que os serviços direcionados ao consumidor final permanecem sob condições adversas.

GRÁFICO 8
PMS: total e componentes – médias móveis trimestrais dessazonalizadas (fev./2020-out./2025)
(Variação contra o período anterior, em %)



Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

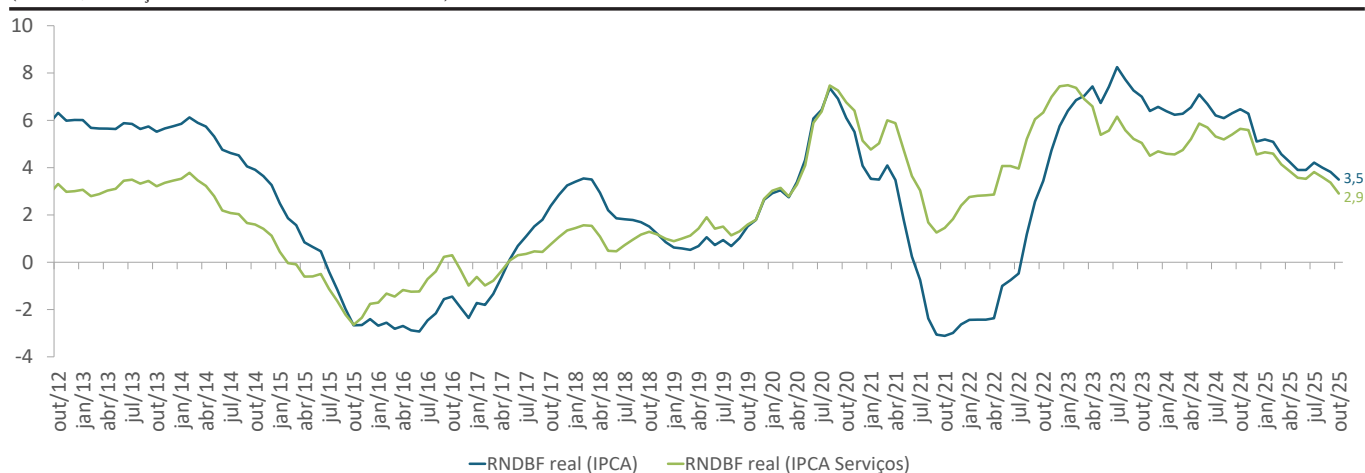
GRÁFICO 9
PMS: contribuição à taxa acumulada no ano (out./2025)
(Em p.p.)



Fonte: Ipea e IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Embora o setor de serviços siga como um dos principais motores para o crescimento da economia, estando intimamente ligado ao dinamismo do mercado de trabalho, os segmentos mais sensíveis à renda das famílias – como comércio, alimentação fora do domicílio e atividades de lazer – vêm demonstrando certa fragilidade. Neste contexto, quando a RNDBF é deflacionada especificamente pelo IPCA de Serviços, o cenário se mostra ainda menos favorável do que quando utilizado o índice cheio: em outubro de 2025, a variação real acumulada em doze meses foi de 2,9%, ante 3,5% pelo IPCA geral (Gráfico 10).

GRÁFICO 10
RNDBF real: IPCA versus IPCA serviços (out./2012-out./2025)
 (Em %, variação acumulada em doze meses)

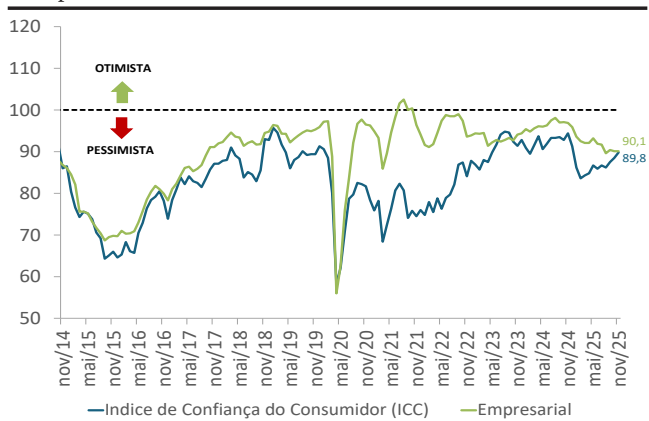


Fonte: Ipea e IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

4 Confiança

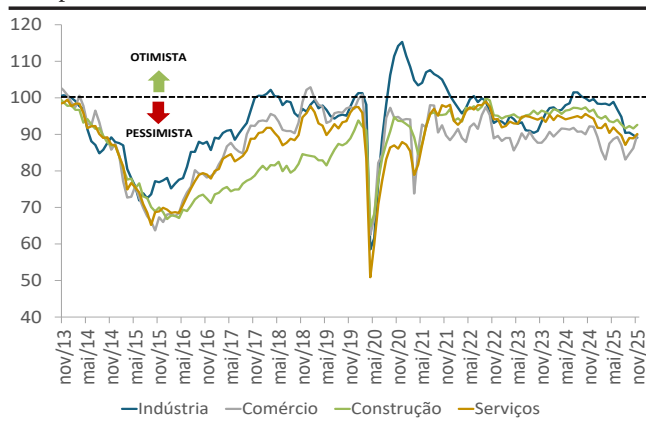
Em relação às pesquisas qualitativas de sentimento, os dados das sondagens do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre) referentes a novembro de 2025 revelam uma dinâmica heterogênea da confiança entre consumidores e empresários. Do lado da demanda, a confiança dos consumidores avançou pelo terceiro mês consecutivo, com alta de 1,3 ponto, para 89,8 pontos – maior patamar desde dezembro de 2024 –, sinalizando uma trajetória de recuperação gradual apoiada pela manutenção do emprego e da renda, apesar das pressões persistentes sobre os orçamentos familiares e do ambiente de juros elevados. No ambiente empresarial, o Índice de Confiança Empresarial (ICE) permaneceu estável, mas com resultados díspares entre os setores: o comércio registrou a terceira alta consecutiva (+3,7 pontos), os setores de serviços e construção apresentaram avanços modestos (+1,2 e +1,0 ponto, respectivamente), enquanto a indústria de transformação experimentou a oitava queda no ano (-0,7 ponto, para 89,1 pontos), refletindo elevado nível de estoques, avaliações desfavoráveis sobre a demanda e os efeitos da política monetária contracionista. De forma geral, o quadro sugere uma economia segmentada, com resiliência do consumo e dos serviços, mas com persistentes desafios no setor industrial diante da combinação de juros elevados, incertezas macroeconômicas e sinais de arrefecimento da atividade no segundo semestre do ano.

GRÁFICO 11
Indicadores de confiança: empresários versus consumidores – séries dessazonalizadas (nov./2014-nov./2025)
 (Em pontos)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 12
Indicadores de confiança setorial – séries dessazonalizadas (nov./2013-nov./2025)
 (Em pontos)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)
Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Claudio Hamilton Matos dos Santos (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora y Araujo
Sandro Sacchet de Carvalho
Sergio Fonseca Ferreira

Equipe de Assistentes:

Caio Rodrigues Gomes Leite
Marcelo Guedes Peclý
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Equipe Administrativa:

Aline Conceição Santos
Carla Nunes Menezes
Rosanne Rodrigues Barbosa

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.
